

# Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora na pesquisa em comunicação

Renata Cardoso de Almeida

*Mestre em Ciências da Comunicação no Programa de Pós-graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), inserida na linha de pesquisa Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação.*

*E-mail: renatacardoso.alm@gmail.com*

Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

*Professor titular (catedrático) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).*

*E-mail: efendymaldonado@gmail.com*

**Resumo:** A ciência e a comunicação afetam e são afetadas pela realidade ao mesmo tempo em que necessitam de uma ruptura com o senso comum raso e não reflexivo, ao contrário dos saberes milenares que foram construídos com muita engenharia mental por diversos povos. Por isso, este artigo tem como objetivo propor uma forma alternativa de pensar o modo como fazemos ciência em comunicação, valorizando as experiências pessoais e as tencionando de acordo com as diversas correntes teóricas, buscando compreender a diversidade sobre diferentes prismas. Assim, este artigo defende a proposta transmetodológica formulada por Alberto Efendy Maldonado como uma identidade epistêmica.

**Palavras-chave:** transmetodologia; comunicação; epistemologia; ciência; identidade.

**Abstract:** Science and communication affect and are affected by reality whilst requiring a break with the superficial and conditioned common sense, unlike the ancient knowledge that have been built with lots of mental engineering by different peoples. Therefore, this article aims at proposing an alternative way of thinking about the way we do science in communication, valuing personal experiences and intending them according to the different theoretical currents, seeking to understand the diversity under different prisms. Thus, our article defends the transmethodological proposal formulated by Alberto Efendy Maldonado as an epistemic identity.

**Keywords:** transmethodology; communication; epistemology; science; identity.

Recebido: 08/11/2019

Aprovado: 25/08/2020

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os modos formatados em que muitas vezes a ciência em comunicação é feita, deixando de lado seu aspecto artesanal, além de propor, com base principalmente na proposta transmetodológica, o fazer ciência como uma identidade que permeia e afeta o cientista/artesão, refletindo-se em seu trabalho, reconhecendo as potencialidades e fraquezas em se deixar ser verdadeiramente tocado pela realidade que se busca compreender por meio da pesquisa. Para isso, o texto é construído amparado em diversos autores e autoras, principalmente Bachelard (2001), Galeano (1987), Maldonado (2013) e Mills (1975).

O artigo apresenta o papel do pesquisador e seu minucioso trabalho enquanto reflete sobre a prática científica e os desafios do compromisso problematizador assumido na trajetória acadêmica. Também questiona a hegemonia do pensamento colonizador e os meandros percorridos por quem opta pelo caminho ético da ciência comprometida com a realidade. Trilhando tais passos se chega à transmetodologia, conceito que se coloca como um norte que requer empenho, responsabilidade e engajamento constante.

## 2. APROFUNDAR PARA NÃO SE LIMITAR

Fazer ciência é construir conhecimento sobre as fundações já erguidas durante milhares de anos por pensadores tidos como científicos ou não. É alterar o que precisa ser melhorado. É reconhecer que as teorias são tentativas provisórias para pensar as realidades, afinal, não há verdade absoluta. Em ciência, muitas vezes, os passos são dados em diferentes direções. Partamos do princípio de que o fazer científico/acadêmico é um artesanato intelectual<sup>1</sup> extremamente complexo, pois ao mesmo tempo em que precisa avançar, utilizando os saberes já verificados e aceitos, pode se retificar apontando novos caminhos até então inexplorados.

Trata-se de um artesanato, pois, quando sério e comprometido, não repete fórmulas ou busca resultados exatos – algo impossível quando se fala em ciências humanas. É um artesanato, pois envolve diferentes dimensões de um mesmo ser pensante, atento, influenciado por suas vivências e pelo mundo a sua volta. É um artesanato, pois é único em seus mínimos detalhes. Afinal, o que move o artesão é mais a satisfação do trabalho dentro do processo do que o reconhecimento. É um trabalho fora do fordismo: os artesãos conhecem e refletem sobre todo o processo de produção.

Ora, podem existir milhares de cestos de vime, por exemplo. Assim como podem existir inúmeros artigos ou trabalhos acadêmicos sobre a mesma temática. Mas, a menos que sejam plágios, cada um terá suas próprias tramas, assim como os cestos, seus próprios fios, seus objetivos. Cada um terá sido feito com a pulsação das mãos de quem os criou e carregará inevitavelmente seus valores. Não é possível separar um trabalho artesanal da vida de seu criador, pois o

1. MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 211-243.

trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que aperfeiçoa seu ofício. É inevitável não usar sua experiência de vida no seu trabalho – o artesanato é o centro de si mesmo, e, sabemos, a imparcialidade é um horizonte que pode ser perseguido, mas jamais alcançado. Ninguém pode se despir de seus valores para realizar qualquer tipo de trabalho.

Eis um dos desafios da ciência: ser humana, sem ser cega. Aproveitar as vivências pessoais e as conexões com o mundo vivido, sem perder o caráter reflexivo e a capacidade de duvidar, de discordar. Estar aberta a novas possibilidades de criar e rever conceitos. Experimentar novos caminhos é fundamental. Peirce, em seu texto *A fixação da crença*, lembra-nos que o labor científico deve ser feito de olhos abertos ao invés de ideias vagas. Em confluência com o autor, que nos diz que “deve existir uma dúvida real e viva, e sem ela toda a discussão é ociosa”<sup>2</sup>, vejo a ciência como um estado de irritação constante. Constantemente nossas premissas são colocadas em xeque, são questionadas – e assim precisa ser para que a ciência esteja em movimento. Os cenários são mutáveis e diferentes argumentos podem surgir a qualquer momento.

As formulações de Bosi convergem com as de Pierce neste aspecto:

Quando entramos em um ambiente novo, de estimulação completa, passamos por instantes de atordoamento. Tudo é uma mancha confusa que hostiliza os sentidos. Aos poucos as coisas se destacam desse borrão e começam a nos entregar seu significado, à medida da nossa atenção. É o trabalho perceptivo, que colhe as determinações do real, as quais se tornam estáveis para o nosso reconhecimento, durante algum tempo<sup>3</sup>.

Existe um campo de ideias com as quais estamos habituados, porque assim fomos educados (inclusive academicamente falando), que ocupam um papel no modo como percebemos e interpretamos os diferentes fatos e as diferentes pessoas. Segundo Morin<sup>4</sup>, reconhecemos por analogia, de acordo com os nossos padrões e modelos – os estereótipos tão bem trabalhados por Bosi<sup>5</sup>. É assim teoricamente, quando, com a ideia fixa em uma corrente ou teoria, entendemos as “outras” por seu molde, em comparação com seus aspectos, entendendo que só a que nos é mais familiar é válida. A ciência precisa de destabilizações para avançar e isso pede, inevitavelmente, desconfiança a respeito dos saberes que consideramos canônicos. É preciso avançar respeitando o passado e até duvidando dele. Semelhante processo acontece quando vamos ao campo, em uma pesquisa empírica. Muitas vezes, inconscientemente, enquadrados os cidadãos e cidadãs coprodutores e coprodutoras do processo de conhecimento de acordo com as nossas molduras, o que impede a percepção de suas singularidades, belezas e dificuldades.

Admitir que não há um conhecimento único e total, e que as teorias e os fatos podem ser explicados por diversos vieses exige, além de humildade, um arcabouço teórico que nos permita perceber, ainda que de maneira inicial, que existem múltiplas camadas de um mesmo fato/objeto de referência. A realidade vivida é repleta de racionalidades e há muita riqueza fora dos muros do conhecimento criado em um sistema burocrático e distante, que dá vida a uma

2. PEIRCE, Charles Sanders. A fixação da crença. *Popular Science Monthly*, Harlan, n. 12, p. 1-15, 1877., p. 9.

3. BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. In: BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 115.

4. MORIN, Edgar. *O conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Europa-América, 1986. (O Método, v. 3)

5. BOSI. Op. cit.

casta de “intelectuais” – se assim os podemos chamar –, criando desigualdades entre os detentores do conhecimento e os menos abastados academicamente. Não se trata de fazer uma ode ao senso comum, mas sim de reconhecer nas diversas sociedades os pensamentos ancestrais, milenares, que demonstram uma inteligência ímpar aplicada à resolução de problemas cotidianos, ou mesmo na formação de mitos para explicar o mundo e os modos de vida, como nos traz Morin:

[...] os mitos não falam só da cosmogênese, não falam da passagem da natureza à cultura, mas também de tudo o que concerne à identidade, o passado, o futuro, o possível, o impossível, e de tudo o que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração. Transformam a história de uma comunidade, cidade, povo, tornam-na lendária e, mais geralmente, tendem a desdobrar tudo o que acontece no nosso mundo real e no nosso mundo imaginário para os ligar e os projetar juntos no mundo mitológico<sup>6</sup>.

A função do cientista, então, é conseguir seguir as pistas mais coerentes dentro da trama complexa de conceitos que envolvem os aspectos subjetivos do pesquisador, as teorias, as ações e os objetos de referência. Não é um trabalho fácil. Somos seres humanos carregados de estereótipos e preconceitos dados como verdades. Muitas vezes é difícil duvidar das ideias que já se acomodaram de maneira tão confortável em nosso inconsciente. Isso é desestabilizador. Mas, repito, é no movimento que avançamos. Movimento, claro, teorizado, situado, problematizado e conectado com as realidades. É preciso ir contra a socialização acrítica de normas e valores, pois ela produz o medo do conhecimento. Como afirma Bosi, “quando delegamos para a autoridade o ato de pensar, essa delegação faz odiar os que pensam por si”<sup>7</sup>. A questão também é abordada por Bachelard:

Por que razão, aliás se há de procurar uma outra verdade quando se tem a verdade do cogito? Por que conhecer imperfeitamente, indiretamente, quando se tem a possibilidade de um conhecimento primitivamente perfeito? Os princípios lógicos obtidos por redução do diverso, bem como o argumento lógico que assegura a verdade do cogito, eis um núcleo indestrutível, cuja solidez é reconhecida por qualquer filósofo<sup>8</sup>.

A ciência, tida como a organização sistemática dos conhecimentos, é uma forma de educação e está em profunda articulação com as realidades. Teoria e empiria podem ser regidas por diferentes interesses, mas não “servem” a objetivos distintos. A separação das duas dimensões e o afastamento da academia dos lares, favelas, cortiços, bares e locais de trabalho servem apenas para elitizar o conhecimento. Assemelha-se, assim, as relações de trabalho mais formais, gerando desigualdades e tensões. É preciso estar vigilante (termo usado aqui na perspectiva bachelardiana) com as relações de poder dentro da ciência e os pensadores de distintos ambientes.

É preciso que estejamos atentos também à economia e à política que envolvem as relações sociais e científicas dentro das nações e entre estas. Investimentos de uma pátria rica em países pobres não quer necessariamente dizer que está

6. MORIN. Op. cit., p. 150.

7. BOSI. Op. cit., p. 118.

8. BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2001, p. 114.

acontecendo uma transferência de renda ou de conhecimento, pois os primeiros continuam a “possuir os segundos”, como em uma relação colonial. Galeano<sup>9</sup> expõe de maneira formidável como as relações coloniais foram prejudiciais ao desenvolvimento da América Latina:

O saqueio, interno e externo [da América Latina], foi o meio mais importante para a acumulação primitiva de capitais que, desde a Idade Média, possibilitou o surgimento de uma nova etapa histórica na evolução econômica mundial. À medida que se estendia a economia monetária, o intercâmbio desigual ia abarcando cada vez mais segmentos sociais e regiões do planeta. [...] Mas, ao mesmo tempo, a formidável concentração internacional de riqueza em benefício da Europa impediu, nas regiões saqueadas, o salto para a acumulação de capital industrial<sup>10</sup>.

Em um cenário de colonização não há equalização do desenvolvimento, pelo contrário: há exploração e subordinação. Thomas Piketty, em sua obra *O Capital no século XXI*, consegue explicar de modo consistente a razão das desigualdades econômicas mundiais, que acarretam também disparidades sociais, educacionais, tecnológicas e científicas.

Em segundo lugar, do ponto de vista histórico, o mecanismo da mobilidade de capital não parece ter sido o fator que permitiu a convergência entre os países ou, ao menos, não o fator principal. Nenhuma das nações asiáticas que reduziram o atraso em relação aos países mais desenvolvidos, quer se trate do Japão, da Coreia e de Taiwan no passado ou da China hoje, se beneficiou de investimentos estrangeiros substanciais. Basicamente, todos esses países financiaram os próprios investimentos em capital físico de que necessitavam e, sobretudo, os investimentos em capital humano – o aumento do nível geral de educação e formação –, cuja importância de crescimento econômico de longo prazo foi respaldada por todas as pesquisas contemporâneas<sup>11</sup>.

Quanto mais reservas um país tem, mais ele pode investir em si mesmo sem depender dos outros (priorizando as áreas de interesse para o seu desenvolvimento). Como um país se desenvolve e acumula reservas e diminui a distância social, econômica e tecnológica em relação aos países mais ricos? Investindo em educação para todos, de todas as camadas. Em um texto que articula arte, cultura economia e crítica social, Alves afirma que: “uma leitura da história cultural do país lembra que, se queremos construir democracia, avaliemos o vivido, o marginal, o sofrido, o transformador da democracia”<sup>12</sup>. Maldonado também faz um alerta para as amarras e vendas que os sistemas econômicos e políticos tentam impor às pessoas e à ciência:

Em efeito, o discurso “democrático liberal” se atribui a possessão da “verdade” sobre a justiça, a ordem, a economia, a política e a cultura. Suas premissas excluem qualquer tipo de alteridades e constituem concepções políticas e fundamentalistas que justificam a vigilância generalizada dos indivíduos, cidadãos, grupos e sociedades, sob pretexto de garantir a “liberdade” e a “segurança” do mundo<sup>13</sup>.

É importante observar como a comunicação não é um campo isolado dos demais acontecimentos sociais. Pelo contrário, não só está profundamente

9. GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

10. GALEANO. Op. cit., p. 40, grifo do autor.

11. PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 75.

12. ALVES, Luiz Roberto. Comunicação, cultura e bem-público: convergências metodológicas sob desafios. In: MALDONADO, Alberto Efendy. *Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital*. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, p. 108.

13. MALDONADO, Alberto Efendy. *Epistemología de la comunicación: análisis de la vertiente Mattelart em América Latina*. Quito: CIESPAL, 2015, p. 220.

imbricado no seio dos acontecimentos como atua para engendrar significados. O simbólico é um campo permanentemente em disputa e isso precisa ser priorizado nas pesquisas em comunicação. Superar os modelos tecnicistas, tão sedutores em épocas de midiatização acelerada, de tecnologias cada vez mais avançadas e “disponíveis”, é uma tarefa de todo pesquisador que busca exercer seu papel social. Além disso, pensando nessa perspectiva, conseguimos observar com mais nitidez, ainda que por prismas e lentes diversas, o papel central da comunicação na formação dos conflitos sociais e, mais ainda, na formação do campo simbólico nacional.

Apesar de tantas possibilidades e aspectos, um tópico é crucial no labor científico: a objetividade. Bachelard<sup>14</sup> aponta que ela deve ser perseguida por meio da constante dúvida sobre nossas primeiras apreensões e da vigilância (por mais que, em tempos atuais, ainda mais no cenário brasileiro, o termo ganhe conotações neofascistas) e sobre nossas próprias conclusões. Apesar de atualmente controversa, a expressão ajuda-nos a lembrar que é preciso estar alerta em relação aos próprios “vícios” acadêmicos, às verdades tidas como verdades absolutas, sejam elas construídas ou, em alguns casos, adquiridas por “osmose intelectual” – mera reprodução acrítica dos autores, autoras ou conceitos. É preciso, então, fluir na e com a ciência, em seus diversos aspectos, possibilidades e, talvez mais do que nunca, em confluência com as demandas sociais.

A objetividade científica só é possível depois de termos rompido com o objeto de imediato, de termos recusado a sedução da primeira escolha, de termos parado e contradito os pensamentos que nascem da primeira observação. Toda objetividade, devidamente verificada, desmente o primeiro contato com o objeto. [...] Em vez de se deslumbrar o pensamento objetivo deve ironizar sem esta vigilância desconfiada, nunca alcançaremos uma atitude verdadeiramente objetiva<sup>15</sup>.

Fazer uma filosofia das ciências é fundamental, pois o epistemológico atravessa o mundo da vida e da ciência e a reflexão é crucial em todos os momentos<sup>16</sup>. A ação epistemológica está centrada no problematizar. Não existe uma única epistemologia, assim como não existe um único conhecimento. Entre ciência e saberes não há uma linha fixa, mas sim uma zona de atravessamentos. É preciso um olhar sensível e cuidadoso com todo o processo. É repensar os próprios passos. Segundo Gumbrecht<sup>17</sup>, vem crescendo a crítica à ideia totalizante do mundo.

### 3. TRANSMETODOLOGIA COMO CAMINHO A TRILHAR NA COMPLEXIDADE

As mudanças tecnológicas proporcionaram novas e diversas possibilidades de experimentação, tanto para a ciência como para diversos campos da vida. Muitos, inclusive, utilizam as tecnologias para propagar o ódio e o caos, gerando um ambiente de descrédito e incertezas. Em um viés positivo, os produtores de bens simbólicos dependem cada vez menos dos grandes aparatos técnicos e

14. BACHELARD. Op. cit.

15. Ibidem, p. 129.

16. JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

17. GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

mais de suas competências para difundir trabalhos intelectuais<sup>18</sup>. A leitura de Rueda<sup>19</sup> permite-nos refletir sobre como as redes digitais estão ligadas aos bens simbólicos e o quanto geram experimentações com modos de vida e construção de sentidos. São novas formas de manter e estabelecer vínculos sociais, outras formas de vidas possíveis. Uma questão importante que se coloca no campo da comunicação é como construir o comum em um ambiente dinâmico, no qual o efêmero está presente. Como trabalhar o comum na diversidade, na diferença? Nesse sentido, é preciso pensar uma cidadania cibercultural, com práticas políticas e sociais renovadas e complexas utilizando as tecnologias. É preciso pensar as cidadanias alternativas e críticas, observando as riquezas das particularidades e das subjetividades dentro dos coletivos. Ao pensar a cidadania comunicacional em um cenário extremamente midiático pelo uso das tecnologias vários aspectos poderiam ser trazidos, mas um desafio é central: como compartilhamos o conhecimento. Essas mudanças configuram novas e diversas formas de comunicar, que precisam, mais do que nunca, de múltiplas abordagens em confluência.

Em cenários tão instáveis e fluídos, pensar as metodologias em pesquisa é uma necessidade cada vez mais urgente. É preciso uma reflexão profunda que se inter-relacione com todo o trabalho. Como nos diz Bachelard, “não é o objeto que designa a precisão, é o método”<sup>20</sup>. O método é a teoria em ato, o artesanato acontecendo, a reflexão dando sentido ao acontecimento. É um comprometimento. A concepção epistêmica/metodológica escolhida, seja ela qual for, deverá perpassar toda a pesquisa.

Mais do que utilizar distintas metodologias que confluem para uma abordagem mais profunda de nossos objetos de pesquisa, a transmetodologia pressupõe a capacidade de observar o objeto por diferentes prismas, levando em consideração os seus diversos aspectos. Mas realizar tal empreitada não significa apenas utilizar diversas metodologias em um trabalho de pesquisa. Requer um *pensamento transmetodológico* que vai perpassar toda a realização do projeto e não somente estará expresso em um capítulo explicativo dos procedimentos utilizados durante a pesquisa. Esse pensamento precisa ser embasado em diferentes áreas do saber, o que demanda do pesquisador e da pesquisadora o esforço de sair de “sua área” do conhecimento para buscar aportes em outros campos – afinal, diversos campos podem contribuir para a confecção de uma trama mais elaborada de conceitos para entender o objeto em questão.

Essa atitude perante o modo de fazer ciência também está ancorada em experiências diversas (como viagens, apresentações artísticas, congressos, poesias, músicas, saberes populares, entre tantas outras possibilidades) que ajudam a compreender o mundo e as pessoas de uma maneira mais integral e humana. É preciso situar os objetos em seus contextos complexos e, ainda assim, conseguir diferenciá-los dos demais em sua singularidade. Trata-se de uma reflexão sobre como construir, em qual cenário, quais as perspectivas e quais as possibilidades. Para conseguir construir um discurso com múltiplas perspectivas é preciso compreendê-las, para combiná-las de maneira frutífera e coerente.

18. MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios na prática investigativa**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013. p. 31-57, p. 31.

19. RUEDA, Rocío. Ciber-cidadanias, multitud y resistencias. In: MARTINEZ, Silvia Lago (org.). **Ciberespacio y resistencias: exploración en la cultura digital**. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012. p. 101-121.

20. BACHELARD, Op. cit., p. 132.

- Renata Cardoso de Almeida e Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

O transmetodológico, nessa proposta epistêmica, nutre-se da vida, da experiência, das culturas, do mundo concreto. Situa-se longe das correntes especulativas abstratas e formais, propondo uma multilética que combina práxis teórica e empírica no processo heurístico das descobertas, fabricações e formulações de conhecimento (nona premissa)<sup>21</sup>.

Esse é um dos aspectos pelos quais a transmetodologia se torna complexa. Mais do que uma opção metodológica, a transmetodologia é uma postura epistêmica que exige compromisso para conseguir enxergar as multidimensionalidades. Trata-se de uma reflexão densa e profunda, que é construída, não está dada. Filiar-se a essa perspectiva é também refletir sobre si mesmo, sobre sua responsabilidade social e científica, é atentar para os diferentes contextos da produção acadêmica. Tantas características fazem da transmetodologia uma opção extremamente fecunda e complexa.

Essa prática teórica e metódica, inter-relacional, concebe o cientista, o pesquisador, como um apreendedor privilegiado que combina uma visão epistêmica abrangente, organizada e profunda com reflexões e experimentação audaciosas, trabalhando lógicas múltiplas de compreensão da realidade midiática e sociocultural: lógicas formais e paraconsistentes (Costa 1999); lógicas intuitivas e instrumentais; lógicas artísticas e lógicas administrativas [...]<sup>22</sup>.

Como aborda Sartre: “o pensamento concreto tem que nascer das práxis e tem que voltar sobre ela mesma para iluminá-la, já não ao azar e sem regras, se não – como em todas as ciências e todas as técnicas – conforme a alguns princípios”<sup>23</sup>. Entre a realidade e nós precisamos realizar traduções qualificadas. Essas traduções têm que estar em correspondência com os objetos de referência – daí irão se aproximar com a realidade. Em termos científicos, não podemos tratar as descobertas como verdades, mas sim como mundos em construção.

A lógica da ciência é plural, vai para além de teoria e empiria, mas é indispensável pensar essas duas dimensões para iniciar uma reflexão sobre o fazer científico. É impossível dissociar teoria e empiria ou tratá-las como dimensões estanques e sem relação. Na vivência de nossas pesquisas é que descobrimos e analisamos quais as melhores lentes para observar determinado fenômeno.

As leituras diversas abrem-nos horizontes de possibilidades e formam o arcabouço necessário para que possamos compreender, mesmo que de forma inicial, os fenômenos. Mas a relação com a empiria é o que vai nos dizer o que de fato nos move, o que move as nossas pesquisas, o que é relevante. Claro que atuar sob essa perspectiva requer esforço, uma vez que é preciso ir além das teorias utilizadas como ponto de partida, descobrir novas possibilidades, buscar diferentes autores enquanto fazemos pesquisas. O objeto empírico de referência é construído pelo prisma das teorias, não está dado e só tem sentido dentro de uma reflexão. O imediato precisa ser acompanhado pela racionalidade para adquirir sentido. Por isso, cada etapa da pesquisa deve ser refletida, teorizada, experimentada em sua particularidade e em sua relação com o todo. Philippe Corcuff, no artigo *¿Qué ha pasado con la teoría crítica? Problemas, intereses em*

21. MALDONADO. Op. cit., 2013, p. 45.

22. Ibidem, p. 41-42.

23. SARTRE, Jean-Paul. *Crítica de la razón dialectica*. Buenos Aires: Losada, 2011, p. 30.



*juego y pistas* aborda a questão dos registros culturais de maneira muito interessante e apropriada para os estudos em comunicação:

Por consiguiente, no estamos proponiendo tratar estos registros culturales como inmersos en una gran “totalidad cultural” indistinta en un gesto “post-moderno”, o según la lógica del “todo es político” – como se decía en la revolución de sesenta y ocho –, sino de considerar pasajes transfronterizos entre los mismos a partir del reconocimiento de sus especificidades y autonomías respectivas<sup>24</sup>.

Teoria e empiria articulam-se em uma relação de constante e complexa simbiose. Quando vamos ao campo é que percebemos que muitos dos problemas que tínhamos como resolvidos ainda não estão. É preciso dar passos para trás e para os lados. É preciso dançar metodologicamente. Teoria e empiria são como bailarinos dançando tango: é preciso que os dois estejam em profunda conexão e em sintonia com a música dentro de toda sua complexidade e vivacidade.

Por que falo de tango? Tido como um ritmo indenitário argentino, o estilo musical formou-se inicialmente nos subúrbios, partindo de um conjunto de diversas outras influências, como a polca europeia, a havaneira cubana, o candombe uruguaio e a milonga espanhola. O tango forja-se na miscigenação, sendo uma expressão da formação cultural argentina, inicialmente vulgarizado, depois popularizado e elitizado. Entendo que a pesquisa na perspectiva transmetodológica seja, assim como o tango argentino, a confluência de diversos saberes, teorias e metodologias e tensões para a produção de um conhecimento vivo, pulsante e belo, feito com rigor e esmero, assim como as obras de Carlos Gardel.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luiz Roberto. Comunicação, cultura e bem-público: convergências metodológicas sob desafios. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy. **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014. p. 101-121.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. *In*: BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 113-126.

CORCUFF, Philippe. ¿Que há pasado com la teoría crítica? Problemas, intereses em juego y pistas. **Cultural y representaciones sociales**, Cidade do México, v. 9, n. 18, p. 63-79, 2015.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

24. CORCUFF, Philippe. ¿Qué ha pasado con la teoría crítica? Problemas, intereses em juego y pistas. **Cultural y representaciones sociales**, Cidade do México, v. 9, n. 18, 2015, p. 67.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 137-158.

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013. p. 31-57.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Epistemología de la comunicación**: análisis de la vertiente Mattelart en América Latina. Quito: CIESPAL, 2015.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. *In*: MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 211-243.

MORIN, Edgar. **O conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Europa-América, 1986. (O método, v. 3).

PEIRCE, Charles Sanders. A fixação da crença. **Popular Science Monthly**, Harlan, n. 12, p. 1-15, 1877.

RUEDA, Rocío. Ciberciudadánias, multitud y resistencias. *In*: MARTINEZ, Silvia Lago (org.). **Ciberespacio y resistencias**: exploración en la cultura digital. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012. p. 101-121.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica**. Buenos Aires: Losada, 2011.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.